

Leituras (Po)éticas

Denise Ferreira da Silva
Valentina Desideri

Seria intenção da poeta libertar a questão da negritude dos caminhos científicos e históricos do saber que, em primeiro lugar, a produziu, mas que são também a área de atuação crítica feminista negra? Será que a negritude livre da ciência e da história divaga à procura de outra práxis e vagueia no Mundo, com o mandato ético de promover outras formas de saber e de fazer? [...] Sim. De fora do mundo tal como o conhecemos, onde a questão negra existe como e dentro do pensamento – sempre já uma referência de mercadoria, um objeto, e "o outro" como "fato" para além de "evidência" –, uma poética da negritude anunciaria toda uma gama de possibilidades de conhecer, fazer, e existir.¹

A poética pode te levar apenas até certo ponto sem a (po)ética². Se você pretende afirmar a vida complexa na terra, se você não precisa mais fingir que todas as coisas são fundamentalmente simples ou elegantes, uma poética engrossada, ao se tornar uma (po)ética, lança mão a uma exploração do significado da arte – (embora não apenas) um modo de viver no mundo real. Isso não é um símile; isso é um ethos. Promover a (po)ética. Aquilo no que estou trabalhando é explicitamente uma (po)ética de um realismo complexo.³

Quando nos conhecemos em Nápoles, por volta da primavera de 2011, ficou evidente, muito rapidamente, que tínhamos apostas semelhantes em nossas explorações individuais de práticas do conhecimento e de ferramentas que, de diferentes maneiras, estão relacionadas ao processo de cura.

1 Ferreira da Silva, D. Toward a Black Feminist Poethics: The Quest(ion) of Blackness toward the End of the World. *The Black Scholar*, v. 44, n. 2, p. 81-97, 2014.

2 Tradução adaptada do neologismo que as autoras formam com as palavras "poetics" e "ethics", formando "poethics".

3 Retallack, J. *Poethical Wager*. Berkeley: University of California Press, 2004.

Como e por que chegarmos a essas práticas e ferramentas não pode ser abarcado aqui, pois, para cada uma de nós, o encontro com elas foi precedido por eventos, situações e escolhas que não podem ser resolvidas em uma simples e única narrativa. O que descobrimos foi como nossos interesses se juntam por meio da capacidade dessas ferramentas de complexificar os modos pelos quais pensamos, sentimos e atuamos, eticamente e politicamente, no mundo. Ademais, percebemos também que elas nos permitem pensar sobre política sem ter que negar as camadas emocionais e espirituais da existência.

Começamos aprendendo umas com as outras. Compartilhamos a literatura existente e as práticas de cura que conhecíamos – tarô, astrologia, filosofia, leitura de mãos, ervas medicinais, Reiki, assim como práticas inventadas, como Falsa Terapia e Terapia Política – enquanto experimentávamos também outras possíveis combinações (como ler poemas através do tarô). Inicialmente, utilizamos essas ferramentas para fazer diversas leituras de nossas próprias questões políticas e, depois, passamos a fazer a leitura para os outros. Eventualmente, nomeamos essa prática de “Leituras (Po)éticas”.

Uma sessão de Leituras (Po)éticas dura aproximadamente uma hora e começa a partir de uma questão política apresentada pelos participantes. Um indivíduo ou um pequeno grupo traz com ele uma questão política ou problema, que se torna o ponto de partida para diversas leituras. Usando todas as ferramentas acima mencionadas, assim como outras ferramentas de “enquadramento”, tais como algoritmos, trabalhamos em conjunto com todos os participantes para dar imagem à questão, de modo a expor seus vários aspectos e considerá-la em toda a sua complexidade⁴.

4 O texto *Leitura (Po)ética* foi preparado e exibido como parte da instalação “Reading Art as Confrontation”, preparada por Denise Ferreira da Silva para a exibição “*Corruption Everybody Knows*” disponível em : <http://www.e-flux.com/program/64755/corruption-everybody-knows/>., com curadoria de Natasha Ginwala, como parte do programa E-Flux-Supercommunity da 56ª Bienal de Veneza, realizada em 2015.

Leitura (Po)ética

é dar imagens.

Cada leitura figura uma questão, um problema, uma crise. É composição.

Leitura não é escrita. A leitura precede e excede a escrita.

Mesmo se a leitura produz uma gramática e um léxico, estes são circunstanciais, contingentes e precários, pois necessariamente modificáveis por outras (posteriores ou simultâneas) leituras. Também não presume ou institui uma relação causal (eficiente). A questão em si é transfigurada a cada instante, em qualquer instante em que é lida.

Leitura como dar imagem é (po)ética – uma práxis ético-política criativa.

Ela não explica. Também não presume nem fornece universais. Ela não requer ou depende de repetição ou experimentação.

Cada leitura é expressão.

Cada ferramenta de leitura – o mapa astral, o algoritmo, o poema e o tarô – recompõe, dá imagem à questão, de acordo com seus elementos e procedimentos. Assim como cada ferramenta de leitura é como uma linguagem, um modo de sentido, com sua gramática e vocabulário particulares, mas nenhuma possui um monopólio do significado, porque sentido não depende nem da questão nem do questionador/leitor.

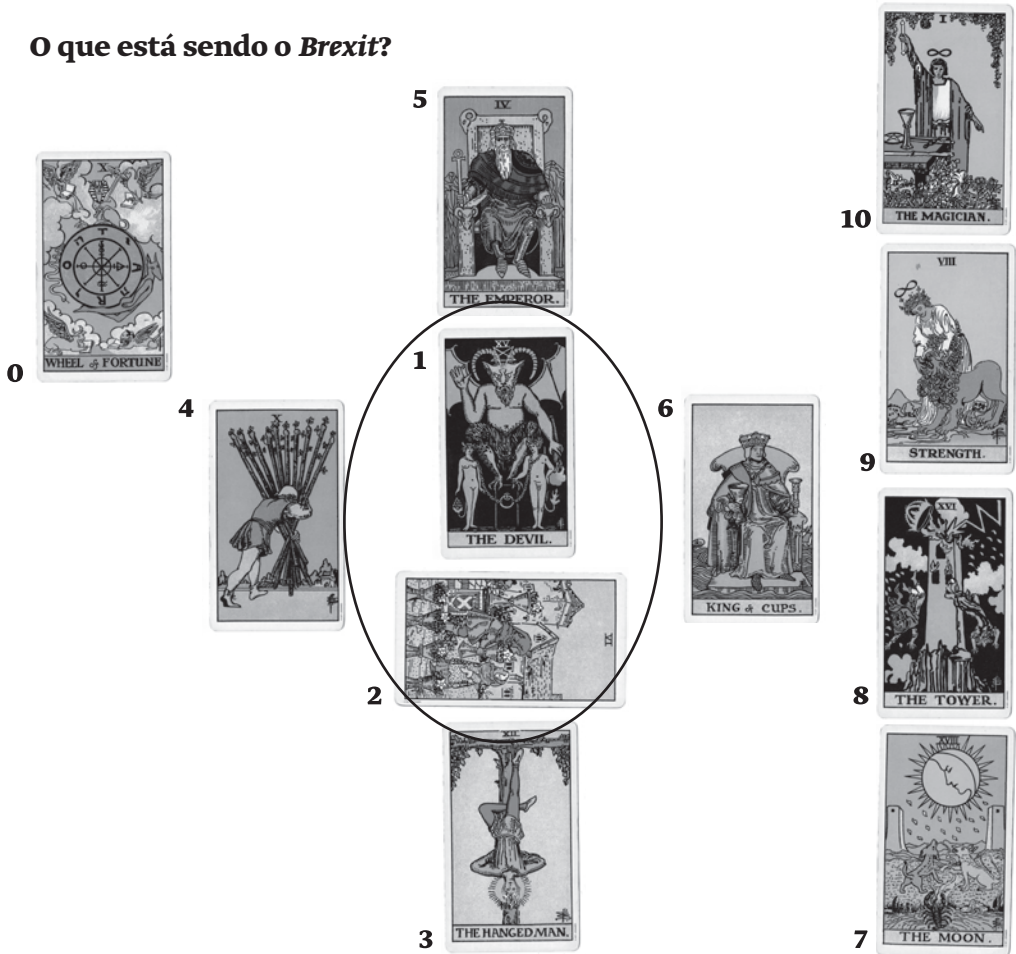
A leitura dá imagem a uma intenção.

Uma intenção que já não é minha ou sua, porque aquilo que é lido – ideias, palavras, estrelas, corpos, imagens – tem seu próprio modo de sentido, de significar, de expressar, que também já é sempre outro, além de cada um de seus elementos e suas diversas, possíveis ou atuais figurações.

Um exemplo: *Brexit Referendum*

Em 6 de agosto de 2016, durante uma oficina de tarô, como parte do nosso projeto, o *Sensing Salon* [Salão do Sentido], no evento *The Showroom*, em Londres⁵, os participantes decidiram fazer uma leitura pelo *Brexit*⁶. Foi um grande e diversificado grupo, que ainda estava atônito com o inesperado resultado a favor da saída do Reino Unido da União Europeia. Sendo o assunto tão atual na mente das pessoas, decidimos formular a questão no sentido mais aberto possível, apenas para ver se essas ferramentas poderiam nos ajudar a ter noção do que estava acontecendo ali, naquele momento. Então formulamos a questão usando o tabuleiro da Cruz Celta:

O que está sendo o *Brexit*?



⁵ *The Sensing Salon, The Showroom*, 2-13 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.theshowroom.org/events/denise-ferreira-da-silva-and-valentina-desideri-healing-salon>>.

⁶ *Brexit* é o nome dado ao grupo que, com sucesso, defendeu a saída do Reino Unido da União Europeia, objeto de um referendo em 23 de junho de 2016.

Tiragem no tabuleiro da Cruz Celta

- Na posição 1, está a carta denominada Significadora;
- Na posição 2, fica a Carta Cruzada;
- A posição 0 representa a chave;
- A posição 3, o inconsciente;
- A posição 4, o passado;
- A posição 5, o consciente;
- Posição 6, o futuro;
- Posição 7, o consulente;
- Posição 8, o meio ambiente;
- Posição 9, as esperanças / medos;
- Posição 10, o desfecho.

Quanto à Significadora (posição 1), tiramos a carta do Diabo, a qual foi cruzada pelo seis de copas (posição 2). O Diabo significa abuso de poder ou medo de abusar, assim como ser controlado pela vergonha, ansiedade e culpa. O seis de copas significa inocência, brincadeira, boas memórias e prazer.

Com essa configuração, a cruz interna (posição 1 e 2), ficou muito claro que a situação possui implicações morais, mas a combinação de um arcano maior (o Diabo) com um arcano menor (Seis de Copas), que é uma das ferramentas dos Amantes (escolhas morais maiores), também indicou como o referendo banalizou profundas, complexas e difíceis circunstâncias éticas e políticas.

As cartas na cruz externa (posições 3, 4, 5 e 6) reforçam essa leitura ao abrir novas possibilidades. Na posição consciente (posição 4 ou como a Significadora é percebida), o Imperador simboliza a autoridade interna, as estruturas políticas e legais, reforçando, assim, a indicação inicial (cruz interna) de que o poder é o Significador central. Similarmente, o Rei de Copas (uma das ferramentas do Imperador) no futuro (posição 6) indica que o poder continuará crucial enquanto o Significador se desdobra, embora também indique que mudará dramaticamente de natureza e desenvolvimento - já que essa carta representa as qualidades de um líder emocionalmente ajustado, amoroso, sensível e carinhoso.

O que encontramos nessa composição não é tanto uma transformação radical, mas a atualização de um modo particular (o Rei de Copas) de implantar o poder político e jurídico (o Imperador). Reforçando essa interpretação, encontramos o Enforcado no elemento inconsciente (posição 3), ou o que permanece invisível, mas é expresso pelo Diabo (posição 1). O Enforcado indica a necessidade de mudar a perspectiva sobre o que aparece ou é sentido como uma situação desesperada e opressiva; uma mudança possibilitada pelo

próprio fato de ser uma posição restritiva e ímpar (voluntariamente ou não). Leituras mais nuançadas e complexas do Diabo (a carta Significadora) em si tornaram-se possíveis em razão dessa configuração. Os participantes do workshop sugeriram, entre outras coisas, que isso indicava que o Brexit havia expressado uma mudança de perspectiva possível, ou que já ocorrera, sobre a relação entre poder e emoção, ou que estamos sempre suscetíveis à manipulação emocional ou apenas a um entusiasmo ilimitado (lendo o Rei de Copas como Jeremy Corbyn).

As duas cruzes que constituem a parte principal da Cruz Celta nos fornecem uma imagem da situação, na qual o Significador pode ser descompactado, desvendado, em termos de um desdobramento temporal (Passado/posição 3 - Presente/posição 1 - Futuro/posição 6) e seus aspectos mentais (Inconsciente/posição 3 - emissão/posição 1 - consciente/posição 5). A linha ao lado direito das cruzes interior e exterior (4 cartas), que é chamada de Pilar de Transformação, combina outros aspectos, os quais estão fora da cruz, mas ainda têm a capacidade de afetar a Significadora: elas são o Consulente (posição 7), o Meio ambiente (posição 8), Esperanças e Medos (posição 9) e o Desfecho (posição 10).

Da base, a Lua (posição 7), que aqui figura todos os presentes no *workshop*, indica medos e ansiedades, e um sentido de falta de uma visão clara do caminho à frente.

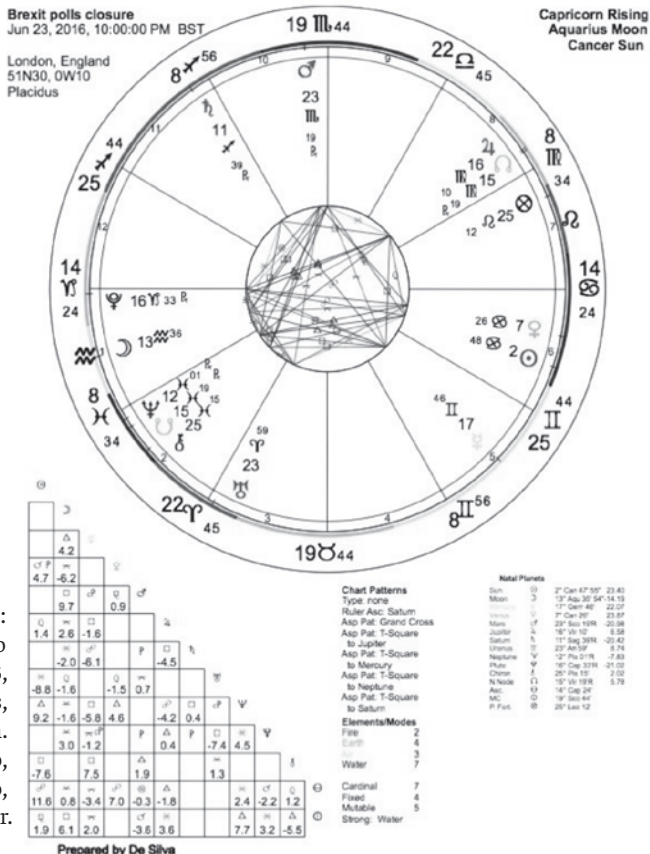
Quando a Lua aparece, é hora de confiar na intuição e, como a lagosta na imagem, avançar passo a passo, sem ter muito medo das luzes dispersas ou dos lobos uivando. A Torre no Meio ambiente (posição 8) reforça o sentido de uma mudança que, embora radical, não é necessariamente catastrófica, pois indica o colapso total de estruturas ou arquiteturas não mais necessárias. Recordando que, partindo de uma perspectiva diferente (o Enforcado) e com uma maneira diferente de produzir sentido nas situações (a Lua), o resultado inesperado da votação (o voto majoritário para o Reino Unido se retirar da União Europeia) pode ser visto como criador da possibilidade de uma mudança necessária. Essa leitura menos pessimista do problema é confirmada pelas duas últimas cartas: Força (posição 9), indicando que temos a força interior para suportar as mudanças anunciadas pelo Brexit, assim como para uma reconstrução, possibilidade esta reforçada pelo Mago (posição 10), indicando o próximo Significador. Após o Diabo completar seu ciclo, o Mago nos diz que estaremos preparados, possuindo todas as ferramentas (os quatro elementos ou naipes), assim como a capacidade criativa necessária para renovar o mundo.

Finalmente, a Roda da Fortuna como a carta chave (posição 0) reforça tanto o fim de um ciclo (Dez de Paus no passado) quanto o novo começo (o Mago no desfecho). O que está por vir permanece em aberto. Com o Seis de Copas na posição 2, no entanto, é possível dar uma imagem para a situação na

qual é o Diabo na posição 1 (Brexit), isto é, tudo o que é antiético nas atuais arquiteturas de poder torna-se exposto, e isso nos força a perceber que é hora de mudar a nossa visão (o Enforcado na posição 3) da política (o Imperador na posição 5) e usar a nossa capacidade criativa (o Mago na posição 10) para compor estruturas políticas mais gentis, sensíveis e amorosas (Rei de Copas). Para isso, no entanto, é preciso aprender a perceber as nossas trilhas e nosso mundo com a Lua, ou seja, com a intuição.

Uma sessão de Leitura (Po)ética inclui diferentes práticas e ferramentas. Cada uma nos permite reconfigurar a questão, bem como fazer uma leitura usando uma ferramenta diferente, de uma forma que pode tanto desmarranhar o que ainda está por vir e adicionar mais camadas e contornos, mais complexidade, ao dar imagem à questão política. Para dar uma sensação das possibilidades que você pode explorar fazendo sua própria leitura do Brexit, incluímos aqui o mapa astral de Denise para a votação, um poema de Valentina implicado com a questão aqui tratada, e uma seleção dos resultados de uma pesquisa no Google imagens que Denise fez (em Londres, Reino Unido, em 11 de agosto de 2016), também com a pergunta sobre Brexit em mente. Façam suas leituras!

Astrologia



Mapa Astral:
Encerramento da votação
do Brexit, 23 de junho de 2016,
22 horas. Londres,
Inglaterra.
Ascendência em Capricórnio,
Lua em Aquário,
Sol em Câncer.

Poema

*Weddings Before the War*⁷

(Ilya Kaminsky)

Yes, I have bought you a wedding dress big enough for the two of us
And in the taxi home
we kiss a mint from your mouth to mine

The landlady might've noticed
a drizzle of stains on the sheets —
angels could do it more neatly,

But they don't. I climb your
underwear, my ass
is smaller than yours!

But you are two fingers more beautiful than any other woman!
I am not a poet, Sonya
I want to live in your hair.

Its time for weddings—
For heart's iron to vodka, I want
To play a tool, my wife
The doctors have prescribed happiness.

the story is told of a man who scapes
and is captured

into de proses of evenings:
after making love, he sits up

on a kitchen floor, eyes wide open,
speaks of de Lord's emptiness

in whose image we are made. - he was out of work - among silverware.

and dirty he is kissing
his wife's neck so the skin of her bally tightens.

One would think of a boy laying
syllables with his tongue
onto a woman's skin: those are lines

sewn entirely of silence.

⁷ Poema tirado da atual coletânea de poesia contemporânea *Fivehundredplaces*.

Fazer sentido

Curar é arte e é uma práxis criadora de sentidos. E como tal, é um processo, ao invés de um fim, uma meta ou objetivo. Trata-se de como existimos no mundo, não como autônomos, entidades isoladas, mas como parte dele, atentos a como estamos sempre já emaranhados com tudo. Existência, neste ponto de vista, não diz tanto respeito a experimentar o mundo de um modo particular, mas a expressá-lo, tudo que está nele, do modo único que um existente, cada um existente, o faz. Nas Leituras (Po)éticas, portanto, fazer sentido não é apenas um exercício intelectual; envolve as muitas maneiras - físicas e mentais, afetivas e intelectuais, individuais e coletivas - pelas quais a expressão tem lugar, em que o sentido é dado. Mais importante ainda, essas mesmas divisões, essas dicotomias convencionais se dissipam no processo, porque as presumidas separações que lhes dão sentido já não se sustentam mais. Fazer sentido como um processo é precisamente o movimento de romper as separações que levam à dor ou à violência. Fazer sentido, nesse ponto de vista, é um processo transversal, ao longo do qual as ferramentas e práticas nos permitem alcançar as dimensões mais profundas de uma experiência, uma situação ou um evento, que expõem o caráter criativo, complexo e transformador da existência.

Fazer sentido é movimento, não determinação. Ao contemplar a questão que interrompe o fluxo de existência, ao expor os limites do convencional, do normal, do simples, a tarefa não é apenas identificar o problema e sua solução. Em vez disso, o fazer sentido oferece maneiras de navegar a situação problemática, especulando sobre a possível relação entre elementos de natureza e escala diferentes, tais como: sentimentos, pensamentos, dinâmicas de poder, pressão econômica, e qualquer outra coisa que possa estar em jogo na situação dada - todas as ferramentas, todas as práticas que podemos utilizar ou inventar para fazer sentido, propor e ensaiar a nossa própria maneira de viver e fazer diferente.

Pois é ao viver que mudamos a maneira como vivemos, e mudamos a forma como pensamos sobre o viver ao fazê-lo de modo diferente, ao invés de tendo um plano.

Esse processo, as composições, recomposições, decomposições, que se desdobram conforme cada ferramenta e prática refiguram a questão, é a cura. Cura aqui se torna o processo de reinterpretção da existência, recompondo as narrativas e experiências da doença, dor ou sofrimento. Neste sentido, a cura não é o marcador entre saúde e doença - é antes um processo de criação na linguagem e como linguagem, um processo de expressão. É a criação de sentido, quando orientada para questões éticas e coletivas, que tem o potencial para recriar o mundo de uma nova maneira.

* Denise Ferreira da Silva é professora e diretora do Instituto de Justiça Social da Universidade da Colúmbia Britânica. Suas práticas acadêmicas e artísticas abordam os desafios ético-políticos do presente global, em particular aqueles relacionados com arquiteturas jurídico-econômicas da violência (pós)colonial e racial. É autora do livro *Toward a Global Idea of Race* (University of Minnesota Press, 2007), e co-editora de *Race, Empire, and the Crisis of the Subprime* (Johns Hopkins University Press, 2013). Vive na Musqueam First Nation Reservation, em Vancouver, Canadá.

* Valentina Desideri estudou dança contemporânea no Centro Laban, em Londres, e fez mestrado em Belas Artes no Instituto Sandberg, em Amsterdã. Atua com Falsa Terapia e Terapia Política, coorganiza o *Performing Arts Forum*, na França, e está envolvida com *Leituras Poéticas* com a Prof. Denise Ferreira da Silva, especula, lê e escreve.